

## O “ALFABETO DA SAÚDE” E O DESEJO DO BRINCAR CONTROLADO<sup>1</sup>

**Recebido em:** 09/07/2017

**Aceito em:** 05/02/2018

*Maria Isabel Brandão de Souza Mendes*<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Natal – RN – Brasil

*Kaline Ligia Estevam de Carvalho Pessoa*<sup>3</sup>  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará  
Fortaleza – CE – Brasil

*Marcel Alves Franco*<sup>4</sup>  
*Milena de Oliveira Aguiar*<sup>5</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Natal – RN – Brasil

**RESUMO:** É raro encontrar estudos que investigam materiais pedagógicos de divulgação do final do século XIX e início do XX, como é o caso da Cartilha de Higiene: Alfabeto da Saúde. Nesta pesquisa objetivamos refletir sobre a maneira como a saúde e a ludicidade são compreendidas e orientadas nas práticas instituídas por essa Cartilha. Trata-se de uma pesquisa documental que utilizou a análise de conteúdo, construindo as seguintes categorias: “Saúde, Felicidade e Higiene” e “A Ludicidade em busca da Saúde”. Diante dos resultados encontrados, identificamos práticas que impunham, de certa forma, à população, uma padronização nas atitudes para que se obtivesse saúde. Tais atitudes influenciavam em todos os campos do contexto social, a saber: relações sociais, o lazer, os ambientes familiares, as escolas. Destacamos ainda

<sup>1</sup> Esta pesquisa teve apoio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Norte e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (FAPERN/CAPES).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e pós-doutorado pela Université de Montpellier II. Atualmente é docente da Graduação e da Pós-Graduação Stricto Sensu do Curso de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Saúde da Família da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Vice-Coordenadora do Curso de Graduação em Educação Física da UFRN. Pesquisadora do GEPEC (UFRN) e da Rede CEDES do Ministério do Esporte.

<sup>3</sup> Formada no curso de Educação Física - Licenciatura pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN/CAMEAM. Pós Graduada em Educação Física Escola pelo Centro Universitário Internacional- UNINTER. Mestranda no programa de Pós-Graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Participa do grupo de pesquisa GEPEC-UFRN. Bolsista pesquisadora na Rede CEDES-RN. Professora do curso de Educação Física- Licenciatura no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará.

<sup>4</sup> Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente da Escola Multicampi de Ciências Médicas do Rio Grande do Norte.

<sup>5</sup> Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF-UFRN), bolsista pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Norte (FAPERN) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

que a alegria pura e livre contida nos espaços de lazer e nas horas lúdicas parecem estar sendo sempre vigiadas. O que nos faz apontar a necessidade de refletirmos sobre a naturalização dessas ações ainda nos dias atuais.

**PALAVRAS CHAVE:** Saúde. Atividades de Lazer. Corpo Humano.

## **THE "ALPHABET OF THE HEALTH" AND THE DESIRE OF CONTROLLED PLAYING**

**ABSTRACT:** It is rare to find studies that investigate pedagogical materials for the dissemination of the late 19th and early 20th centuries, such as Hygiene primer: Alphabet of Health. In this research, the aim is to reflect how the health and playfulness are understood and guided in the practices imposed by this primer. This is a documental research that used content analysis, building the following categories: “Health, Happiness and Hygiene” and “Playfulness in search of the Health”. Before the results, we identified practices that, in a certain way, prescribed to the population, standardized attitudes in order to gain health. Such attitudes had influence in all fields of social context, namely: social relations, leisure, family environments, and schools. We highlighted that the pure joy and freedom contained in the leisure and entertainment seem to be always monitored. What makes us to point the necessity to reflect about the naturalization of these actions in nowadays.

**KEYWORDS:** Health. Leisure Activities. Human Body.

### **Introdução**

Em pesquisas que se dirigem ao final do século XIX e início do XX no Brasil é comum encontrarmos obras acadêmicas que relacionam os cuidados com a saúde aos preceitos higiênicos e eugênicos, como as de Kehl (1937), Magalhães (1894), Mello (1902) e Azevedo (1916), dentre outros.

Entretanto, é raro encontrar estudos que investigam materiais pedagógicos de divulgação do período citado, como é o caso da *Cartilha de Higiene: Alfabeto da Saúde*. Os estudos que a citam ainda fazem com muita timidez, como pode ser observado nos estudos de Kuhlmann Jr; Magalhães (2010), Mendes (2009) e Rocha (2003a).

Ao estabelecer relações entre a educação higiênica e a alfabetização no início do século XX, Kuhlmann Jr e Magalhães (2010, p. 338) destacam que:

A educação higiênica caminhava em conjunto com os aspectos da escolarização em diversos almanaques. Há alguns exemplos que conjugavam higiene e alfabetização em materiais de divulgação, como o caso da Cartilha de Higiene - Alfabeto da Saúde, de autoria de Renato Kehl.

Compreender o contexto da obra e seu autor se torna necessário em virtude de entendermos o contexto, suas influências e a necessidade de tornar a nação mais saudável e feliz. Dr. Renato Kehl foi um médico brasileiro bastante influenciado pela medida eugênica alemã, também fazendo de Nietzsche sua inspiração. Kehl buscava entrelaçar seus conhecimentos sobre saúde com os do filósofo Nietzsche, por isso criava perspectivas que buscavam o melhoramento genético para a “construção” de um ser saudável ideal (WEGNER, 2011). Dessa forma, teve uma grande preocupação com a saúde dos brasileiros. Kehl caminhava em busca de um modelo perfeito de saúde, promovendo movimentos higienistas com o objetivo de alcançar uma nação saudável. Conforme Habib (2007, p. 2), “em um período de forte nacionalismo no Brasil aliado à percepção de que era necessário regenerar a população, a crença na transmissão dos caracteres adquiridos trouxe a aproximação com as ideias do saneamento”. Em virtude da preocupação com os caracteres adquiridos pelas crianças e, também, as mazelas existentes no país há uma necessidade educativa para a formação do ser saudável e do que ele precisa para tal.

Assim, a *Cartilha de Higiene: Alfabeto da Saúde* foi construída com várias imagens e uma linguagem clara e incisiva para atingir o público infantil e foi direcionada aos professores, como ressalta Mendes (2009).

Em virtude da escassez de estudos sobre o referido material pedagógico indaga-se: como a saúde e a ludicidade são expressas na Cartilha de Higiene?

A partir da problemática apresentada e com o intuito de aprofundarmos uma análise sobre o material específico da *Cartilha de Higiene*, objetivamos refletir sobre a maneira como a saúde e a ludicidade são compreendidas e orientadas nas práticas instituídas pela cartilha.

Essa investigação torna-se relevante por ressaltar como a saúde e a ludicidade eram vistas em determinado período, a partir de um material pedagógico. Destacamos ainda que esta pesquisa visa contribuir para ampliar os estudos relacionados às percepções de saúde na área da Educação Física, por meio de interfaces com o brincar.

Com relação à organização deste texto, apresentamos primeiramente os procedimentos metodológicos realizados e, a seguir, apresentamos os resultados e as discussões que tratam da maneira como a saúde e a ludicidade estão estampadas no material analisado.

### **Procedimentos Metodológicos**

Por se tratar de um registro escrito, esta pesquisa se caracteriza por uma análise documental. Segundo Gil (2010, p. 30), “a pesquisa documental vale-se de toda sorte de documento, elaborados com finalidades diversas, tais como assentamento, autorização, comunicação, etc”. Nesse caso, trata-se de uma comunicação que prescreve “ao professorado primário como guia para o ensino sugestivo e persuasivo de noções elementares condizentes com a preservação da saúde” (KEHL, 1936, p. 4).

Para a análise do material empírico utilizamos a técnica da análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2011). Durante o percurso metodológico foram realizadas três

fases: a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos, juntamente com a interpretação. Após a exploração do material empírico foram confeccionadas fichas de conteúdo para a codificação dos dados que contém elementos da análise temática, de acordo com o objetivo estipulado na pesquisa. A partir da análise temática foram construídas categorias que contribuíram com a interpretação dos elementos identificados.

De acordo com Bardin (2011, p.52):

[...] o objetivo da análise documental é a representação condensada da informação, para consulta e armazenamento; o da análise de conteúdo é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem.

A partir dessa análise documental, percebemos que a Cartilha apresenta a história de três irmãos, que iniciam seus nomes com letras finais do alfabeto: **X**, **Y** e **Z**. Xisto, Yolanda e Zenaide podem ter sido os personagens principais divulgados nas palestras educativas e que serviriam de modelo para o alunado. Durante a apresentação dos três irmãos, o autor questiona quem deseja se parecer com eles. E para aqueles que tiverem essa meta, Kehl dizia que bastava imitá-los. Crianças educadas, com bons hábitos e asseadas, Xisto, Yolanda e Zenaide:

[...] são três irmãos que gozam de ótima saúde. Vivem alegres e dão alegria a seus pais, porque nunca adoecem. Na escola são os primeiros da classe e muito querido dos professores e colegas. Quem quer se parecer com os três irmãos?  
- Nada mais fácil. Basta seguir os conselhos deste livrinho. Quem o fizer, tornar-se-á logo uma criança forte e bonita (KEHL, 1936, p. 48).

De A a Z, o Alfabeto da Saúde foi escrito pelo avô dos três irmãos e vai sendo (re)construído no presente estudo. Nota-se que é um material pedagógico de divulgação e instrução cujo intuito perpassa a construção de uma sociedade feliz.

A seguir apresentamos as categorias identificadas na pesquisa por meio dos subtópicos abaixo, a saber, “Saúde, Felicidade e Higiene” e “A Ludicidade em busca da Saúde”.

## **Resultados e Discussão**

### **Saúde, Felicidade e Higiene**

- Não se esqueça de que não há felicidade sem saúde e só se pode conservá-la vivendo hi-gi-e-ni-ca-men-te (KEHL, 1936, p. 48).

Essa frase do Dr. Renato Kehl merece ser compreendida a partir do contexto da época no Brasil. Como destaca Soares (2001) foi no século XIX que surgiram novos conceitos sobre o corpo e a compreensão mais aprofundada de sua utilização como forma de trabalho, uma vez que, nessa época, consolidou-se uma nova ordem de classe social, onde a burguesia assumiria o controle da classe dirigente e precisava fazer surgir um novo homem que atendesse aos critérios dessa nova ordem social. A classe burguesa sempre crescia e a operária tornava-se o centro da força de trabalho.

Nesse intuito, a autora aponta a importância de trabalhar na construção de uma ideia de homem forte, saudável e controlável. Tornava-se, então, de extrema importância que grandes pesquisas na área fossem feitas para a produção dessa imagem

física da sociedade, onde os médicos tinham a força maior de controle da saúde das populações, implementando seus ideais do campo à escola.

No contexto do final do século XIX e início do século XX, as produções científicas e as atitudes dos médicos no Brasil voltavam-se, em sua grande maioria, para uma padronização e higienização da população brasileira, que sofria com diversas moléstias. Em tais condições, os médicos desenvolveram diversas ações que visavam acabar com doenças e difundir hábitos considerados saudáveis (MENDES e NÓBREGA, 2008).

Neste mesmo período, encontramos publicações que retratam as normas estipuladas na época sob a forma de hábitos e ordens que caracterizaram a formação do ser humano civilizado. Segundo Mendes e Nóbrega (2008, p. 212), ao discutirem compreensões de corpo e saúde em publicações do periódico *Brazil-Medico* no período de 1887 a 1923, destacam que “os corpos que não se submetiam a hábitos higiênicos eram considerados primitivos, incultos, ou retrógrados, e os que apresentavam defeitos e imperfeições orgânicas, débeis e tarados”.

Nesse ínterim, Ponte; Lima e Kropf (2010) ressaltam, dentre estas ações, as obras de engenharia sanitária, a realização de vacinas e de campanhas sanitárias. Entretanto, não sendo as únicas ações, também foi utilizada a divulgação de material impresso de cunho informativo, instrumental, pedagógico e higienista, como vem a ser o caso da Cartilha analisada.

De acordo com Rocha (2003b, p. 53), o Dr. Antonio de Almeida Junior, diretor do Departamento de Higiene Escolar no ano de 1922, não menosprezava o papel e valor dos impressos: “Coloridos, interessantes, ilustrados, trabalhando as questões numa

linguagem simples, livros e cartilhas duplicariam a eficiência do ensino, acompanhando a criança a todas as horas, *insinuando as regras de bem viver no meio familiar*”.

Percebemos que instrumentos como a Cartilha podem ter contribuído na construção de um modelo de educação no ambiente familiar. Enxergamos aqui o que se denomina de puericultura.

A puericultura tratava da melhor forma de cuidar das crianças e tinha a mãe como principal veículo dessa educação. Era através da figura da mãe que se daria a construção dos novos valores e a manutenção deles na escola. Como afirma Soares (2001, p. 26):

Uma das formas medicalizantes de intervenção do Estado sobre a família ocorre através da Puericultura, que, traduzida como prática médica, terá um relevante papel na normatização do "corpo social", uma vez que deseja exercer uma atuação sobre a forma de vida dos indivíduos em sua intimidade na família, no trabalho, no cotidiano.

A Cartilha de Higiene também foi produzida com este mesmo objetivo. Na Cartilha, o Alfabeto da Saúde contribui com o entrelaçamento entre saúde, felicidade e higiene. Nela, estão presentes frases e imagens que expressam o desejo de que as crianças adquiram bons hábitos e determinados padrões de comportamento. A meta é que se tornem bonzinhos e sigam ordens.

Segundo Soares (2001, p. 11) “O discurso das classes no poder será aquele que afirmará a necessidade de garantir às classes mais pobres não somente a saúde, mas também uma educação higiênica e, através dela, a formação de hábitos morais”. É nesse intuito que a Cartilha de Higiene chega às escolas, como forma de atingir uma formação ainda em curso, facilitando a construção da moral dos futuros cidadãos do país.



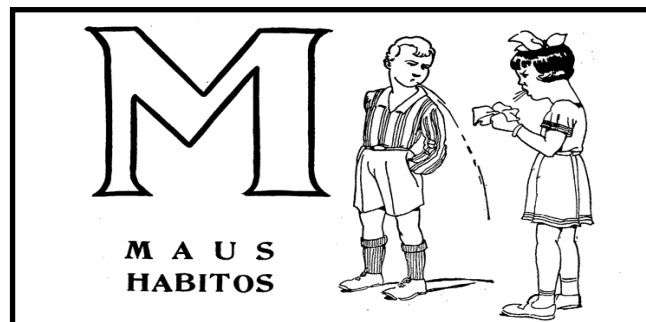
Este entrelaçamento saúde-felicidade-higiene pode ser identificado na Cartilha de forma explícita, através de uma regulação da saúde pautada numa felicidade, numa alegria, a qual deve ser tomada de exemplo pelos demais. Vejamos:

A saúde é a principal condição de felicidade.  
Foi convencido desta verdade que o Vovô escreveu “Alfabeto da Saúde”, não só para os seus netinhos queridos, como para todas as crianças (KEHL, 1936, p. 13).

A convicção de uma verdade considerada absoluta recebe influência da tradição científica e filosófica. Uma verdade pensada como algo imutável, com um único sentido e de modo universal, considerada como algo supremo, como denuncia Merleau-Ponty (2004) ao tecer críticas sobre essa compreensão de verdade.

Dando continuidade à análise da Cartilha, é possível perceber que evitar maus hábitos era fundamental. Como pode ser observado na imagem 01.

Imagem 01 - Letra M



Fonte: Kehl (1936, p. 35)

Evitar cuspir ou escarrar no chão; meter o dedo no nariz; tossir nos outros; falar com o rosto muito próximo dos outros; roer unhas; chupar palitos ou então, mastigar papel e comer gulodices. Tudo isso era considerado sinal de má educação e, os vícios,

sinal de doença, como a gula. Estes estavam fora dos preceitos da higiene: “O guloso não tem força de vontade para resistir á tentação de comer o que não deve. A gula é prejudicial á saúde. Criança gulosa é quase sempre doente” (KEHL, 1936, p. 26).

De acordo com a Cartilha, a criança deve comer na hora e na medida certa tudo o que estiver na mesa, devagar e aos poucos; não reclamar sobre o que não gosta; além disso não devem se curvar sobre livros; levar a mão à boca ou qualquer outra coisa; beber ou comer em outros pratos ou copos que não seja o seu; dormir pelo menos dez horas; manter todos os objetos organizados; vestir-se e calçar-se de maneira limpa e ordenada. Ou seja, há a necessidade de as crianças adquirirem bons hábitos, para isso elas deveriam ser limpas, metódicas e amar a ordem como os três irmãos.

O corpo nesse contexto epistemológico e histórico deveria estar sempre asseado. Por se apresentar como um instrumento, o corpo acaba tornando-se mercadoria, uma peça na produção de capital que precisa ser cuidadosamente controlado de forma a manter a ordem. Seria então a medicina unida a uma Educação Física eugênica, o meio pelo qual esse corpo seria corrigido, controlado e instrumentalizado para a produção, como aponta Soares (2001).

Como pode ser identificado no livro de Soares (2001), quando a autora discute sobre a influência da ciência nesse período para as bases da Educação Física. As ideias positivistas de Augusto Comte influenciaram a origem da República no Brasil, pois divulgava a ideia de que a ciência traria obrigatoriamente ordem e progresso ao país. O modelo de racionalidade que prevalece nesse contexto assemelha-se aos ditames da ciência moderna.

Como destacada por Châtelet (1993), a ciência moderna, desenvolvida com base na racionalidade técnica, em vez de utilizar a linguagem cotidiana para elaborar a razão,

se apropria da linguagem matemática. O mundo sensível se torna geometrizado. De descritiva, a ciência torna-se explicativa e o seu desenvolvimento decorre do aperfeiçoamento do instrumental matemático, ou seja, o modelo de racionalidade técnica, que ao influenciar as ciências médicas, também contribuiu com a compreensão do corpo humano neste período.

A Cartilha prescreve tomar um banho por dia com água limpa, fria e sabão. Quanto ao banho de mar, que outrora era evitado em várias sociedades, passa a ser considerado saudável, mas quando não era muito demorado. “Ficar na praia e na água muitas horas é um perigo para a saúde. Trazer o corpo asseado é sinal de inteligência e de boa educação” (KEHL, 1936, p. 18).

Tomar banho de mar nem sempre foi apreciado, como podemos perceber no estudo de Corbin (1989) sobre o desejo da beira-mar na Europa. Antes do século XVIII o mar era considerado caótico e demoníaco no ocidente. Com a influência da Medicina moderna, o banho de mar torna-se medicinal, ótimo para lavar e limpar a sujeira humana.

Imagem 02 – Letra B



Fonte: Kehl (1936, p. 18)

No contexto da Cartilha, além dos corpos asseados pelo banho de mar, como podemos observar na imagem 02, os irmãos são fortes, corados e inteligentes porque têm os cuidados da mãe e do avô, além do fato de terem bom comportamento. Levantam cedo, tomam banho frio, comem um pouco de tudo e na hora certa, respiram ar fresco e têm vida ao ar livre.

Os hábitos devem ser polidos e contidos para que se obtenha um corpo que represente perfeita e fiel a imagem idealizada de saúde. Em contrapartida, os hábitos que representam exagero ou extrapolam a sugestão da Cartilha devem ser podados. Como aponta Soares (2001, p. 33), o corpo era instrumento produtivo, portanto, “Era preciso adestrá-lo, desenvolver-lhe o vigor físico desde cedo... disciplina-lo, enfim, para sua função na produção e reprodução do capital”.

Nota-se que a família e o professorado eram responsabilizados pela manutenção das crianças em garantia dos atos ditos saudáveis. Caso não se alcançasse os hábitos, a criança seria considerada como rabugenta e preguiçosa (KEHL, 1936). Por isso, a cartilha enfatiza a ação familiar, principalmente, a da mãe e é destinada aos professores. Cabem a esses dois núcleos podarem nas crianças costumes ofensivos à saúde e conduzi-las às regras do dito saudável com o objetivo de garantir a saúde e felicidade infantil.

Como explica Soares (2001, p. 25-26):

Poderíamos afirmar que o pensamento médico higienista, elegendo a família como lugar privilegiado de intervenção, "auxilia" o Estado num processo de reorganização disciplinar da classe trabalhadora, reorganização esta que é complementada pela educação escolar e por todo o conteúdo de classe que ela veiculará.

Para a autora, a família, tanto a burguesa quanto a operária, é o cerne da intervenção no indivíduo, de onde partiu a estruturação dos papéis que seus membros devem desempenhar socialmente.

Dentre desses hábitos, os exercícios metódicos auxiliam na coibição da preguiça, o que melhora o desempenho nos estudos. Num período em que a preguiça era considerada como sinal de doença, ela estava fora da norma. A preguiça é refutada, então se percebe ainda que a saúde e a doença são vistas em oposição.

Para com a saúde, a ordem presente na Cartilha era robustecer o corpo, fortalecendo os músculos. Além das crianças deverem estar bem dispostas para os estudos e tarefas diárias. A alegria era sinal de saúde e felicidade. Como Xisto, Yolanda e Zenaide que são alegres e que nunca adoecem.

Crianças saudáveis, felizes e higiênicas!!!

### **A Ludicidade em Busca da Saúde**

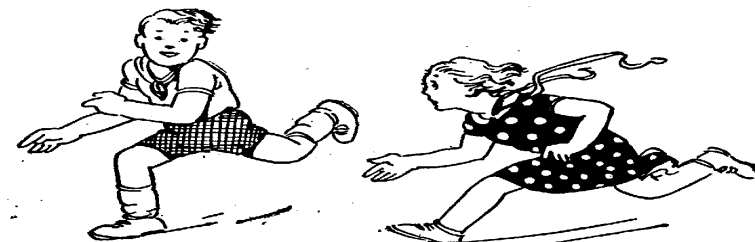
De acordo com os conselhos da Cartilha:

O exercício físico metódico aumenta a disposição para o estudo.  
Corra, brinque, pule!  
Não tenha preguiça!  
Fortaleça os músculos para ser gente! (KEHL, 1936, p. 23)

O lúdico e os exercícios físicos metódicos apresentados na Cartilha analisada são instrumentos para o estudo. Não respeitam os valores da própria criança, nem sua personalidade. Por exemplo, as crianças que não estavam alegres não eram consideradas saudáveis, pois “a alegria é própria das crianças sadias; a tristeza e a rabugice, das crianças doentes” (KEHL, 1936, p.31). Podemos observar que o intuito da cartilha era padronizar o infante a um modelo perfeito e utópico, além de idealizar a própria família.

Correr, saltar, jogar bola ou peteca. Os jogos e as brincadeiras, seja ao ar livre ou no quintal, são presentes na Cartilha em horas diferenciadas das do estudo. Como podemos perceber na imagem 03:

Imagem 03 – Letra E – Exercícios



Fonte: Kehl (1936, p. 23)

O lúdico e os exercícios físicos metódicos são pautados num ideal de ser saudável<sup>6</sup>. O ato de brincar, na concepção apresentada na Cartilha, encontra-se atrelado a uma aprendizagem específica sobre os benefícios da saúde e é um instrumento de repor as energias para o estudo.

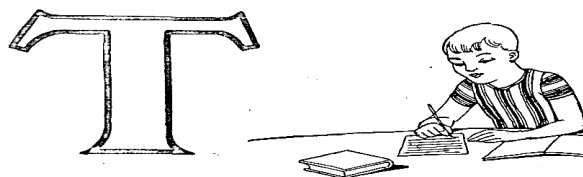
O estudo, nesse caso, vem assemelhar-se ao trabalho da criança e, além disso, o asseio e a disciplina fazem parte desse trabalho. Na Cartilha, o trabalho é colocado como algo necessário a todos, inclusive às crianças, devendo ser realizado de forma alegre, e estudar, seria de sua responsabilidade.

É interessante visualizar a imagem 04 e perceber que a criança que estuda não está nada alegre, ela apresenta-se concentrada e dedicada à sua escrita. O que se contrapõe à necessidade da alegria para o estudo ditada na Cartilha analisada.

---

<sup>6</sup> O ideal de ser saudável para a Medicina moderna é abordado por Foucault (2001), sendo abrangido como um conhecimento do ser humano modelo, ausente de doença.

Imagem 04 – Letra T - Trabalho



**TRABALHO**

Fonte: Kehl (1936, p. 44)

Como aborda Kehl (1936, p. 44), “quem estuda com prazer é porque tem saúde”. O trabalho, nesse contexto, é uma necessidade e “a melhor das distrações” (KEHL, 1936, p. 44), pois, esse modelo infantil repercute na saúde e inteligência, ao mesmo tempo em que sugere constantemente uma escolha consciente e obediente. Para isso é fundamental a alegria, sinônimo de hábitos saudáveis.

Como os ditames da Cartilha demonstram, a criança deve estar focada no estudo, o brincar entra não como uma necessidade própria, mas relacionado com a ambição do modelo de ser saudável. Em virtude disso, são criadas novas regras que devem se fazer presentes nesse ato.

Na Cartilha, a ludicidade é expressa como uma realidade da criança, porém apresenta relação com seus deveres e o desejo dos adultos em controlar e organizar. Trata-se de um desejo de um brincar controlado.

Quando buscamos na literatura compreensões sobre o lúdico, nos deparamos com diversas compreensões no *Dicionário Crítico de Educação Física* (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2008). Uma destas compreensões é a de Luciana Marcassa (2008, p. 272), na qual o lúdico é reconhecido:

[...] como expressão da relação humana com a experiência cultural vivida, e mesmo que realizado de acordo com determinadas normas políticas e morais, regras sociais e educacionais, princípios éticos e condições materiais e concretas de existência, a sua manifestação em

nosso meio, por todas as contradições identificadas, pode significar que as pessoas ainda são capazes de sonhar.

Outra perspectiva relacionada aos aspectos socioculturais do lúdico advém da compreensão de Gomes (2004, p. 145), na qual, o lúdico é entendido como:

*[...] expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com o contexto. Por essa razão, o lúdico reflete as tradições, os valores, os costumes e as contradições presentes em nossa sociedade. Assim, é construído culturalmente e cerceado por vários fatores: normas políticas e sociais, princípios morais, regras educacionais, condições concretas da existência. (Grifo da autora).*

Dessa forma, identificamos na Cartilha analisada uma relação entre o brincar e o desejo de disciplinar as crianças. A Cartilha apresenta estratégias, no formato de falas persuasivas, que situam para seus personagens, as regras impostas e que deveriam ser incorporadas. Como podemos observar no trecho da Cartilha, a seguir:

Yolanda, Zenaide e Xisto entram radiantes, sem se esquecerem, entretanto, de limpar os pés, de lavar bem as mãos e de colocar os chapéus e as malas de livros no armário. Mudam as roupas e só então pensam nos brinquedos e correm para o quintal (KEHL, 1936, p. 9).

É colocado para as crianças como imprescindível, que antes de partirem para a “diversão”, cumpram todo o passo a passo instruído na Cartilha, para que sejam consideradas crianças saudáveis, obedientes e felizes. Primeiro as obrigações, depois a diversão. Assim, apresentando que a construção cultural do brincar na cartilha responde aos anseios e desejos da sociedade higienista.

Essas são verdades que foram construídas e assimiladas, no contexto da Cartilha. O lúdico, nesse cenário, era considerado um instrumento para a construção de condutas tidas como corretas, estando atreladas aos valores médicos e higiênicos. Como podemos identificar no estudo de Gomes (2004), o lúdico está atrelado aos valores sociais de cada



período. Sendo possível encontrarmos algumas repercussões deste modelo médico nos dias de hoje. Como destaca a autora:

O lúdico representa uma oportunidade de (re) organizar a vivência e (re) elaborar valores, os quais se comprometem com determinado projeto de sociedade. Pode contribuir, por um lado, com a *alienação* das pessoas: reforçando estereótipos, instigando discriminações, incitando a evasão da realidade, estimulando a passividade, o conformismo e o consumismo; por outro, o lúdico pode colaborar com a *emancipação* dos sujeitos, por meio do diálogo, da reflexão crítica, da construção coletiva e da contestação e resistência à ordem social injusta e excludente que impera em nossa realidade (GOMES, 2004, p. 146).

Na Cartilha analisada, os espaços de diversão das crianças são definidos e planejados de forma que as atividades lúdicas possam acontecer da melhor forma sem perturbar a ordem e a paz doméstica. Nesse sentido, as crianças devem ficar ocupadas e entretidas nesses espaços até a hora certa das refeições, estudos e da hora de dormir, sem fazer barulho, pois “o barulho é prejudicial á saúde” (KEHL, 1936, p.42).

Além disso, os espaços de diversão supõem o controle e a disciplina sobre os corpos infantis, uma vez que a rua é excluída enquanto espaço possível de brincadeira, pois não se pode obter um controle sobre o que a criança faz. Pretende-se criar a perspectiva de um ser obediente e podado para não se passar por “moleque” (KEHL, 1936, p.10).

Diante de tantas receitas prescritas, a possibilidade de ser saudável aumenta se a criança cumprir o passo a passo estabelecido. Durante as férias recomenda-se que as crianças sejam como os adultos e descansem bastante, para que recuperem a disposição para os trabalhos. Nesse sentido, as férias são indispensáveis para “refazer as forças” (KEHL, 1936, p. 24).

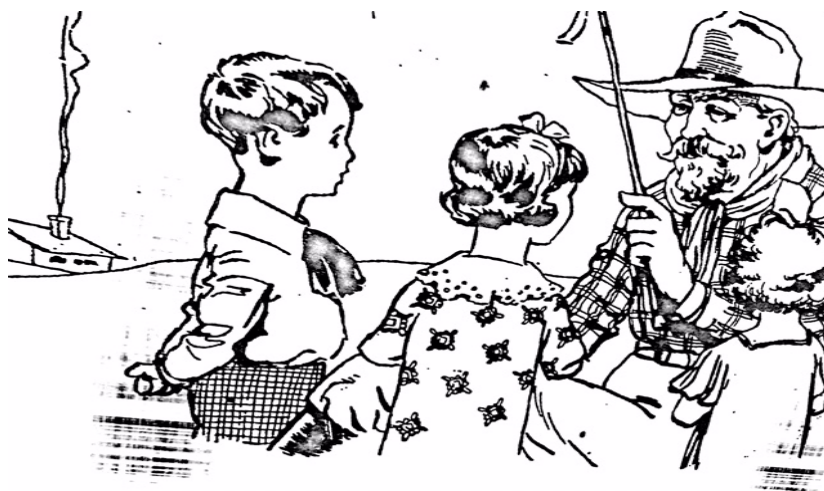
As férias também têm seu lugar definido para alcançarem um nível de satisfação para a saúde: deve ser na fazenda ou na praia, espaços específicos que propiciem o

contato com o ar livre, o contato com a natureza e a luz solar, mas não de qualquer forma. Vejam, como acontece nas férias dos três irmãos:

Todos os anos os três irmãos vão passar as férias na fazenda do Vovô. E’ uma festa para eles. O Vovô toma muito cuidado para que andem sempre calçados não só para não espetarem os pés como para evitar que apanhem vermes, cujas larvas se encontram no chão e entram pela pele dos pés. Passeiam sempre com chapéu de palha, para não tomarem muito sol na cabeça, o que faz mal (KEHL, 1936, p.12).

As formas de controle se estendem também para as férias, que deveria ser um momento de liberdade, porém é necessário que sejam observados desde a forma de se vestir até a água que bebem, para que a diversão seja completa e aceitável. Na imagem 05 observamos o Vovô dando instruções aos seus netinhos.

Imagem 05 – Férias na fazenda com o Vovô



Fonte: Kehl (1936, p. 13)

Estamos descrevendo dessa forma, infantes “fortes, corados e inteligentes” (KEHL, 1936, p. 12) que deveriam ser objetos de desejo e modelo para as outras crianças de sua época. Como destaca o autor, “se todas as crianças fossem *obedientes* e tratadas deste modo, teriam boa saúde e seriam muito felizes” (KEHL, 1936, p. 13).

Logo, constata-se que a preocupação da cartilha estava voltada para uma modelação comportamental das crianças, as quais utopicamente seriam modelos perfeitos para serem inseridos na sociedade e fortalecê-la. O material educativo segue os preceitos higienistas e eugenistas. Desta forma, a ludicidade típica do ambiente infantil aparece como mantenedora dos preceitos instituídos. O brincar se reduz a auxiliar na construção do ser saudável e, conseqüentemente, feliz.

### **Considerações Finais**

Buscamos refletir sobre a maneira como a saúde e a ludicidade são compreendidas e orientadas nas práticas instituídas pela cartilha. Nesse sentido, analisamos alguns aspectos encontrados num texto que retrata o modo como a saúde era encarada no início do século XX, época em que o Brasil passava por dificuldades em controlar grandes epidemias, precisando da contribuição dos médicos da época.

Tal contribuição resultou em práticas que impuseram de certa forma à população, uma padronização nas atitudes para que se obtivesse saúde. Tais atitudes influenciavam em todos os campos do contexto social, a saber: relações sociais, o lazer, os ambientes familiares, as escolas. Quanto mais padronizados fossem os hábitos, mais controláveis seriam as questões de saúde.

Nesse sentido, a Cartilha de Higiene, escrita pelo médico Renato Kehl (1936) nos permitiu tecer reflexões a respeito da forma como eram tratados assuntos como saúde, corpo e ludicidade, discutidos a partir desse texto.

Percebemos, antes mesmo de adentrar no Alfabeto da Saúde, que as práticas presentes na Cartilha foram feitas para serem seguidas à risca, quase como uma imposição. Suas colocações foram elaboradas de modo a demonstrarem ser a única

forma possível de se adquirir e/ou preservar a saúde. A prescrição feita por um médico era imposta às crianças através de seu professorado, na escola, e pelos pais, ao chegarem em casa.

As três crianças, personagens da Cartilha, são perfeitas e saudáveis, pois seguem todas as ordens dos pais e dos professores, sem desobedecer, nem por um minuto, tornando-se metódicas e modelos exemplares para as outras.

As práticas de saúde exemplificadas no referido Alfabeto abrangem métodos impositivos, como bem esclarece o autor. A espontaneidade, característica da infância, aparece muito pouco retratada, pois sempre vem acompanhada de uma imposição importante: não se curvar sobre a mesa, limpar sempre o local antes e depois de brincar, brincar em espaços determinados, não fazer barulho, não demonstrar vontade de comer doce, dentre outras práticas recomendadas como essenciais para a aquisição da alegria e da saúde.

A alegria pura e livre contida nos espaços de lazer e nas horas lúdicas parecem estar sendo sempre vigiadas. O espaço sempre limpo e organizado, além de limitado. As horas das brincadeiras são pré-determinadas, se limitam apenas aquele momento e lugar e nenhum outro. Além de servirem de instrumento para movimentar o corpo em prol da saúde e como meio de alívio do ócio entre as tarefas mais importantes, as quais são caracterizadas sob a forma de trabalho e estudo.

As crianças sendo tratadas desta forma e agindo consoante o que a Cartilha prega, serão saudáveis, fortes e felizes. Nota-se que a família e a escola são diretamente responsabilizadas por essa formação da consciência infantil.

Considerando este tipo de formação, nota-se que a Cartilha de Higiene teve um compromisso com a educação sanitarista de sua época. Então, teve a intenção de

contribuir com a valorização moral, redução da proliferação de moléstias, higienização da população e conscientização da saúde. Apesar do elemento lúdico estar presente na Cartilha, ele se relaciona com as questões do saudável e entrelaça-se, também, com a compreensão do trabalho para o público infantil.

Desse modo, a Cartilha é instrumento dessa política voltada para as escolas, utilizando-as como ferramenta didático-pedagógica no ensino dos valores morais e higienistas do período, resultando numa melhor ordem civil. O que nos faz apontar a necessidade de refletirmos sobre a naturalização dessas ações ainda nos dias atuais.

É necessário refletirmos sobre as imposições feitas às crianças quanto a normatização de valores e a padronização do comportamento. Precisamos perceber as restrições bem como as liberdades, nos infantes, dos seus desejos e de sua autonomia e, especialmente, levar em consideração a importância do brincar, suas ações ao ar livre e a espontaneidade.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, F. **Da Educação Physica**. O que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. Rio de Janeiro: Weisflog Irmãos, 1916.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CHÂTELET, F. **Uma história da razão**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Presença, 1993.
- CORBIN, A. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Tradução de Roberto Machado. 5. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOMES, C. L. Lúdico. In: GOMES, L. C. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. P. 141-146.

GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2008.

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. Saneamento, eugenia e literatura: os caminhos cruzados de Renato Kehl e Monteiro Lobato (1914-1926). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. **Anais...** São Leopoldo: Unisinos, 2007.

KEHL, R. **Cartilha de Higiene: Alfabeto da Saúde**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1936.

\_\_\_\_\_. **Porque sou eugenista**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1937.

KUHLMANN Jr, M.; MAGALHÃES, M. G. S. A infância nos almanaques: nacionalismo, saúde e educação (1920-1940). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n.01, p.327-350, abr. 2010.

MAGALHÃES, E. **A Gymnastica Hygiênica**. Rio de Janeiro: Typografia Jornal do Commercio, 1894.

MARCASSA, L. Lúdico. In: GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2008. P. 269-273.

MELLO, B. V. **A hygiene na escola**. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1902.

MENDES, M. I. B. S. Do ideal de robustez ao ideal de magreza: Educação Física, saúde e estética. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 04, p. 175-191, out./dez. 2009.

MENDES, M. I. B. S.; NÓBREGA, T. P. O Brazil-Medico e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da educação física brasileira. **História, Ciências, Saúde**, v. 15, n. 1, p. 209-219, jan.-mar. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15n1/13.pdf>> . Acesso em: 11 maio 2017.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas, 1948**. Tradução de Fabio Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PONTE, C. F.; LIMA, N. T.; KROPF, S. P. O sanitarismo (re)descobre o Brasil. In:

PONTE, C. F.; FALLEIROS, I. (Org.). **Na corda bamba de sombrinha: a saúde no fio da história**. Rio de Janeiro: Fiocruz – COC, 2010. p. 73-110.

ROCHA, H. H. P. **A higienização dos costumes: a educação escolar saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)**. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2003a.

\_\_\_\_\_. Educação escolar e higienização da infância. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 23, n. 59, p. 39-56, abril, 2003b.

Maria Isabel B. de S. Mendes, O “Alfabeto da Saúde” e o Desejo do Brincar Controlado  
Kaline Ligia E. De C. Pessoa, Marcel A. Franco e  
Milena de O. Aguiar

SOARES, C. L. **Educação física: raízes europeias e Brasil.** 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

WEGNER, Robert. Renato Kehl, a eugenia alemã e a doença de Nietzsche. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVI Simpósio Nacional de História. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011.

### **Endereço dos Autores:**

Maria Isabel Brandão de Souza Mendes  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Campus Universitário - Bairro Lagoa Nova,  
Natal – RN – 59.078-970  
Endereço Eletrônico: isabelbsm1@gmail.com

Kaline Ligia Estevam de Carvalho Pessoa  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará  
Campus Limoeiro do Norte  
Rua Estevão Remígio, 1145 – Bairro Centro.  
Limoeiro do Norte – CE – 62.930-000  
Endereço Eletrônico: kaline.tc@hotmail.com

Marcel Alves Franco  
Escola Multicampi de Ciências Médicas do Rio Grande do Norte  
Av. Cel. Martiniano, 354  
Caicó – RN – 59.300-000  
Endereço Eletrônico: macfranco1@gmail.com

Milena de Oliveira Aguiar  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Campus Universitário - Bairro Lagoa Nova,  
Natal – RN – 59.078-970  
Endereço Eletrônico: milenaguiar11@gmail.com